

A black and white photograph of a landscape. In the foreground, there is a stone wall with a concrete top. Behind the wall, a large, flat-topped mesa (canga) dominates the middle ground, covered in dense forest. The background shows a vast valley with rolling hills and a river winding through it. The sky is filled with scattered clouds.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
TCC I - semestre 2007/1 - aluna: Patrícia Alamini Ramos - orientador: Almir Francisco Reis

# SUPER PAISAGEM

UM NOVO OLHAR SOBRE A SERRA DO RIO DO RASTRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
TCC I - semestre 2007/1 - aluna: Patrícia Alamini Ramos - orientador: Almir Francisco Reis**

# **SUPER PAISAGEM**

**UM NOVO OLHAR SOBRE A SERRA DO RIO DO RASTRO**

Introdução	04
1. Localização	05
2. Histórico	07
2.1. Lauro Muller	07
2.2. Bom Jardim da Serra	08
2.2.1. Taipa	09
2.3. Tropeiros	10
3. Serra do Rio do Rastro	11
4. Turismo Serrano	13
4.1. O Mirante da Serra do Rio do Rastro	15
5. O projeto	16
6. Referenciais arquitetônicos	18
6.1. Dominique Perrault	18
6.2. Emilio Ambasz	19
6.3. Renzo Piano	20
6.4. Grand Canyon Nacional Park	21
6.5. Parque Nacional do Iguaçu	23
7. Mapa	25
Bibliografia	27

**A** descoberta da Serra Catarinense como destino turístico de montanha requer um olhar atento ao ambicioso projeto de torná-la parte do roteiro turístico nacional. As reformas e intervenções necessárias para consolidarem este objetivo tocam em diversas áreas, desde o campo político e econômico, aos fatores sócio-culturais. Contudo, corre-se o risco de enveredar-se para um aspecto caricata e apenas cenográfico, transformando em produto toda complexidade existente, o que exige que as adaptações necessárias para suportar a invasão turística sejam feitas com sensibilidade e profunda compreensão da região.

Este trabalho de graduação tem como objetivo fazer uma intervenção pontual no mirante da Serra do Rio do Rastro, na cidade de Bom Jardim da Serra. Ao distanciar-se do estudo macro regional, que abordaria todas as relações entre litoral e planalto e o sistema de organização do turismo na região serrana, o trabalho foca-se no objeto arquitetônico e sua relação com a paisagem.

A intervenção em um local com um poder paisagístico forte e exuberante impõe desafios a serem transpostos a nível teórico e prático. Para compreender estas relações o trabalho buscou mergulhar na história da região através da leitura de narrativas escritas por antigos moradores e aventureiros curiosos da atualidade, conversas e entrevistas com moradores, turistas, funcionários de órgãos públicos, políticos e empreendedores, pesquisas na internet e visitas ao local.

Nesta primeira fase do trabalho de graduação será apresentado o levantamento histórico feito sobre a formação da Serra do Rio do Rastro e o contexto que gerou seu desenvolvimento, um pré-lançamento de projeto e os referenciais arquitetônicos estudados.

**Bom Jardim da Serra** está localizada na porção de borda do planalto catarinense, na região sul do Estado de Santa Catarina, parte da Serra do Mar.

A Serra do Mar é uma cadeia montanhosa do relevo brasileiro que se estende por aproximadamente 1.500 km ao longo do litoral leste/sul do país, indo desde o estado do Espírito Santo até o sul do estado de Santa Catarina.

Área: 935,177 km<sup>2</sup>

População: 4.024 hab. est. 2006

Densidade: 4,3 hab./km<sup>2</sup>

Altitude 1245 metros

Fuso horário: UTC -3

Temperatura: média 5°C no inverno, 14°C no verão



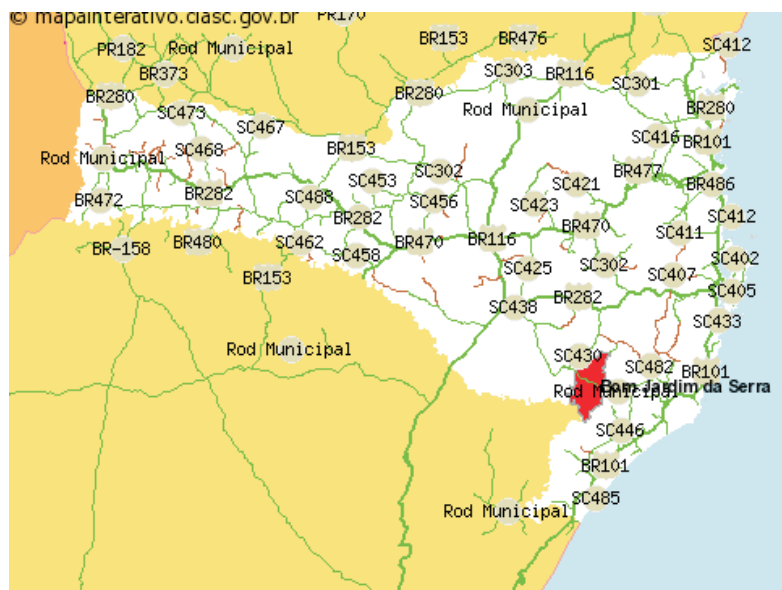
fonte:www.mapainterativo.ciasc.gov.br



fonte:www.mapainterativo.ciasc.gov.br



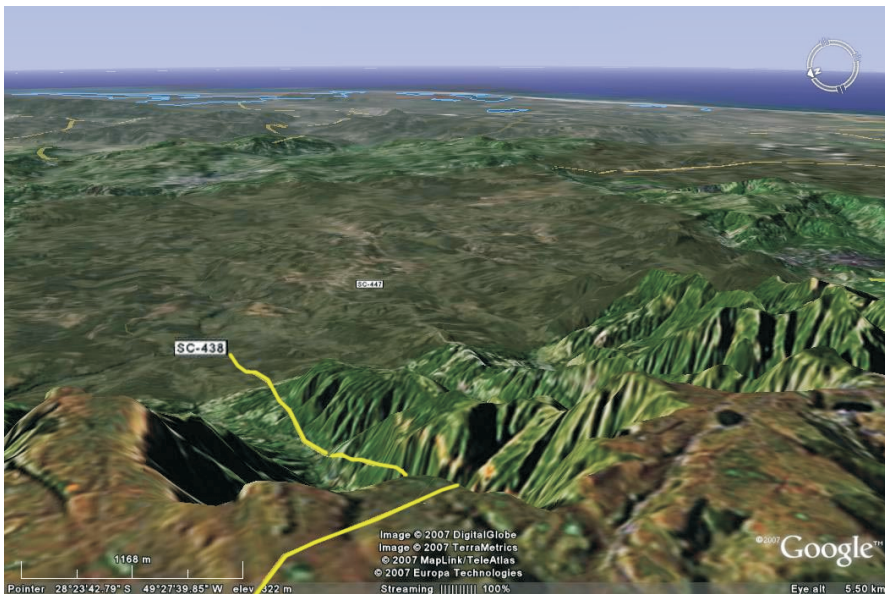
fonte:www.mapainterativo.ciasc.gov.br



Principais rodovias de acesso a Bom Jardim da Serra.



Serra do Rio do rastro.



Vista para o oceano Atlântico do alto da Serra do Rio do Rastro.



Vista do litoral e planalto Catarinense ( Serra do Mar)

João Corrêa de Bittencourt, natural de Tubarão, sul de Santa Catarina, nasceu no início do século XX, época em que nossas cidades davam os primeiros passos ao tão desejado desenvolvimento. Bittencourt é o autor saudosista do livro de memória *Epopéia na Serra*, lançado em 1989 pela editora Universitária. Em seu livro ele narra com detalhes os tempos de sua juventude tendo como pano de fundo as cidades de Lauro Miller e Bom Jardim da Serra, respectivamente a cidade que escolheu para construir sua vida e a outra, cidade que adotou como eterno refúgio.

No final de sua adolescência muda-se com a família de São João, localidade do interior do município de Tubarão, para Lauro Miller, onde seu pai inicia uma firma comercial. O estabelecimento tinha como principal finalidade alcançar o comércio de toda região serrana. É nesta época que João desperta seu grande interesse pela serra e é ainda na sua juventude que pela primeira vez conhece a região a qual descreve como *“um dos panoramas mais ricos, mais belos e mais portentosos do mundo”*.

João Corrêa Bitterncourt teve êxito em sua vida profissional, começou como agricultor, ajudou no carregamento das tropas de mulas, meio de transporte da época, trabalhou no comércio calçadista em Lages, nas indústrias carboníferas do sul de estado, onde foi Chefe de Escritório e Chefe de Mina, voltou-se mais adiante para o comércio e enfim a pecuária. Em 1975 inicia sua trajetória política vindo a assumir uma cadeira na Assembléia Legislativa durante o governo de Antônio Carlos Konder Reis.

É através do olhar minucioso deste sensível autor que descrevo a seguir um pouco da história da região, que contempla a construção da estrada estadual da Serra do Rio do Rastro.

## 2.1 Lauro Muller

Lauro Muller foi o berço da exploração do carvão em Santa Catarina. A cidade chamava-se Minas até 1912 quando em homenagem ao catarinense Lauro Severiano Muller, ministro da república que muito se interessou pelo carvão e ajudou no desenvolvimento da região, passou a chamar-se Lauro Muller.

Está localizada nas bordas da Serra Geral, pertencendo a ela o caminho que percorre a Serra do Rio do Rastro, que faz a comunicação do litoral com a região serrana, ligando a cidade de Lauro Muller a Bom Jardim da Serra. Anteriormente à construção da rodovia estadual, este percurso era feito através de picadas e trilhas por dentro da mata, contornado todas as

curvas do difícil relevo. O único transporte disponível eram animais, as mercadorias eram levadas a casco de mula. Lauro Muller é o ponto final da Estrada de Ferro Dona Thereza Christina, que interligava as cidades do sul ao porto de Laguna, utilizada principalmente para o transporte do carvão. Antes da ferrovia, os únicos meios de transportes disponíveis eram os marítimos, canoas, carros de boi, picadas e carreiros para tropas.

*“Minas foi uma cidade, que embora pequena, mais se projetou rapidamente, pois além da exploração do carvão, que teve reflexo nacional, era também ponto principal de todo comércio da região serrana. (...) Este grande movimento comercial só desapareceu com a abertura da estrada que ligou Rio do Sul à região de Lages, consumando-se assim as tradicionais tropas de cargueiro e abrindo-se então, uma nova era, o transporte rodoviário que passou a ser feito de caminhões.”* (BITTENCOURT, p25)

Um dos principais pontos turístico da cidade é o Castelo, construído em 1919 por Henrique Lage, que foi o responsável pelo desenvolvimento da siderurgia de SC e também da ferrovia. Ele construiu o castelo para Gabriela Bezanoni, uma cantora italiana de ópera com quem se casou. Posteriormente foram morar no Rio de Janeiro onde também ele construiu um castelo (atual Parque Lage). O castelo é tombado pela Fundação Catarinense de Cultura.



Cidade de Lauro Muller, Serra do mar ao fundo.

fonte: [www.inema.com.br](http://www.inema.com.br)



## 2.2 Bom Jardim da Serra

A região era habitada por índios, chamados botocudos, o registro referente à instalação da primeira fazenda data de 1755, chamada fazenda do Pelotas.

“Não se sabe ao certo se foram os bandeirantes ou mesmo os próprios padres da Companhia de Jesus, Jesuítas nos primórdios do século dezoito, pisaram pela primeira vez àquele rincão desconhecido. Aquelas paisagens frequentemente assoladas pelas grandes nevasdas e pelo sopro rigoroso do vento minuano. Diz o ex-deputado e historiador Enedino Ribeiro, que conforme pesquisas feitas junto do padre João Baptista Viécéle, vigário da paróquia de São Joaquim, que as primeiras povoações no Planalto Serrano se deram no atual município de Bom Jardim da Serra.” (BITTENCOURT, p45)

O povoado iniciou-se com a vinda de algumas famílias do Rio Grande do Sul, em 1870, entre as quais destacam-se Manoel Pinto Ribeiro com seus dois filhos, João e Pedro Ribeiro, gaúchos de Dom Pedrito, ele era portador de um requerimento que doava e limitava a concessão da grande e rica sesmaria da fazenda do Pelotas, uma das maiores daquele tempo, com 450 milhões de metros quadrados. A história do Município cita também as famílias de Felipe Borges, Francisco Machado, José Caetano do Amaral, os Vieiras e os Rodrigues.

A segunda grande sesmaria da região, chamada fazenda Nossa Senhora do Socorro, fica ao norte de Bom Jardim da Serra e foi requerida pelo Márques de Arzão. Dizem que o nome da fazenda foi dado pelos padres jesuítas que ali se refugiaram durante alguns anos, no tempo das perseguições de Márques de Pombal.

Coube aos primeiros colonizadores abrir uma trilha em direção ao litoral para possibilitar a passagem de pedestres e cavaleiros com suas tropas e mulas a fim de realizarem a troca de mercadorias no litoral, mais precisamente em Laguna. O caminho que ficou conhecida inicialmente como Serra do Doze, mais tarde passou a ser chamado de Serra do Rio do Rastro.

O núcleo urbano começou a se desenvolver na época dos tropeiros. Por serem suas viagens extremamente longas, costumavam descansar em locais já pré determinados. Como (hoje) Bom Jardim da Serra ficava no topo da serra, cuja descida era extremamente penosa e perigosa, muitas mulas caíam nas ribanceiras, morrendo e perdendo suas cargas, os tropeiros acampavam para refazer suas forças e preparar-se para a descida que chegava a durar de 2 a 5 dias, dependendo do clima. Com o tempo, esse



Índios Botocudos

fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

acampamento tornou-se um pequeno vilarejo, que teve como base econômica o comércio, devido a ter-se tornado parada obrigatória para aqueles que saíam do litoral com destino ao estado de São Paulo.

Bom Jardim da Serra foi elevada à condição de povoado em 1905 e de vila em 1921 – com o nome de “Cambajuva” – e oficializou-se como cidade em 29 de janeiro de 1967.

João Bittencourt relata em seu livro impressões pessoal daquele que conheceu a região numa época em que os núcleos urbanos eram pouco desenvolvidos, Bom Jardim da Serra era dividida em imensas fazendas.

Entre as histórias que conta o autor, descreve a paisagem e a fauna do lugar, o exuberante tapete verde, fruto das tradicionais queimadas de campo, a existência de cervos brancos, que costumavam a migrar de uma região para outra, além de macacos, bugios, capivaras, lontras, jacus, jacutingas, perdizes e perdigão, nota ainda que muitas destas espécies desapareceram após a abertura da rodovia, que permitiu a penetração de muitos caçadores na região.

“(…) me contavam em 1925, que há cem anos daquela data, ali não existiam cercas e muito menos divisas e só se falava em léguas ou sesmarias e que os animais e o gado na sua maioria eram alçados. Alçados quer dizer criados nos campos e matos sem costeiro. E que os jesuítas e açorianos é que inovaram ali as taipas, quer dizer, tapumes ou mangueiras de pedra. Esta foi a maneira de domesticar animais e gado selvagem” (BITTENCOURT, p28)

Entre a década de 50 e final de 60, a cidade de Bom Jardim teve na extração de madeira sua maior fonte de renda. Entretanto, com o passar dos anos as florestas de araucárias começaram a escassear e as madeireiras, como de praxe, mudaram-se para outras localidades em busca de matéria prima, deixando Bom Jardim da Serra com um grande número de desempregados e comerciantes falidos. Para as grandes áreas que foram descampadas não foi previsto nenhuma recuperação.

“Todo terreno da região do planalto serrano é rochoso, dificultando a cultura da maioria das espécies de agricultura. O solo presta-se ao plantio de capim para pastagem.

Alguns pequenos agricultores, após verificar a viabilidade da plantação de maçã em outras áreas do planalto, decidiram se dedicar a essa variedade de agricultura, com grande sucesso. Hoje, a maçã é o produto de maior produção e comercialização de Bom Jardim da Serra.

A pecuária vem em segundo lugar. Outra modalidade de plantação que tem sido bastante difundida é a da batata.

“Pesquisas tem demonstrado que o solo desta região é de excelente qualidade para o plantio de videiras, com resultados altamente promissores para a produção de vinhos de alta qualidade. A Prefeitura local está conduzindo estudos juntamente com Órgãos do Governo Estadual para viabilizar financiamentos e suporte técnico para que este seja mais um projeto que venha a atrair investimentos para o município”. (www.wikipedia.org, 01/07/07)



Cânion das Laranjeiras, Bom Jardim da Serra. fonte: www.bomjardimdaserra.sc.gov.br

## 2.2.1 Taipas

*Taipa - é conhecida em algumas regiões por tapume, cerca, muro de pedras soltas, tem um metro de largura e meio metro de altura. Foram as primitivas cercas usadas no Planalto Serrano para cercar invernadas, principalmente nos tempos de gado e animal selvagem. Evitam a invasão de animais cerqueiros, porcos ou ovelhas. São construídas com pedras grandes, pedra ferro da região. Na parte de dentro, o enchimento é feito com pedras miúdas. Quando são bem feitas e bem amarradas por fora duram até duzentos anos. As mesmas são construídas por taiperos profissionais. Arte introduzida na região serrana pelos jesuítas ou Açorianos no século XIX.” (BITTENCOURT, p65)*

*“Os muros de taipa são feitos com pedra basalto sobrepostas, sem cimento, típico das regiões serranas da região sul do Brasil. Estes corredores foram construídos na época dos tropeiros e serviam para evitar que as mulas saíssem do caminho.” (KAISER, p62)*



Corredor das tropas

fonte: Werner Zotz

### 2.3 Tropeadas

Durante o Brasil Colônia, nos anos 1700, o Sul do Brasil era considerado terra de ninguém. Os portugueses fundaram pequenos povoados no Litoral: Paranaguá, São Francisco do Sul, Desterro, Laguna e Colônia do Sacramento, às margens do Prata.

A partir de 1730 deram início as tropeadas. Grandes rebanhos de mulas eram levados do Rio Grande do Sul para abastecer Minas Gerais. Tinham também como finalidade levar suas mercadorias, para vendê-las ou trocá-las, e trazer itens não existentes em suas regiões de origem. Geralmente levavam charque, couro, queijo, sebo, pinhão, gado, cavalos, suínos e muars, e traziam de volta tecidos, sal, farinha de mandioca, açúcar, arroz, querosene, munições e armas.

O caminho aberto por eles cruzava o interior dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, indo até Sorocaba, São Paulo, onde aconteciam grandes as feiras. *“A marcha para percorrer os cerca de 1500 km entre Campos de Viamão e Sorocaba demorava mais ou menos três meses – eles avançaram em torno de 30 km por dia, a distância que existe hoje entre as cidades, em sua maioria antigo pouso”* (KAISER, p62).

*“Os pouso dos tropeiros tornaram-se cidades - São Francisco de Paula, Jaquirana, Bom Jesus, São José dos ausentes, Bom Jardim da Serra, Lages, Mafra, Balsa Nova, Lapa, Castro, Itararé, Itapeva, Capão Bonito, Itapetininga...”* (KAISER, p27)

O ciclo do tropeirismo durou dois séculos.

*“Um século depois, em 1850, já na época do Brasil Império, A Feira de Sorocaba comercializaria 100 mil muars.*

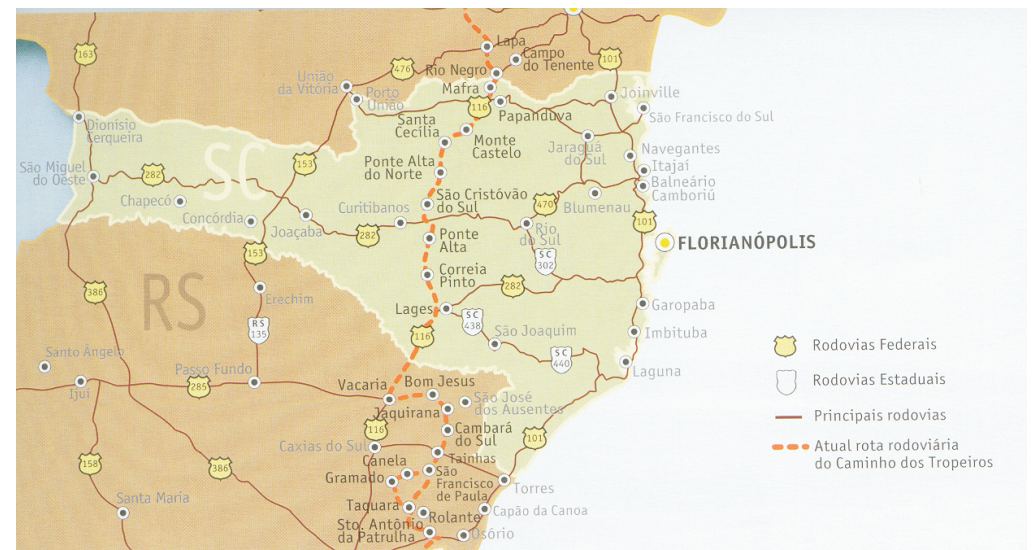
*O declínio do Ciclo do Ouro não atingiu o comércio de muars, necessários ainda às lavouras de café e algodão. A atividade perdeu força apenas no final do século XIX, às vésperas da Proclamação da República, com o surgimento do transporte ferroviário a vapor.”*(KAISER, p27)

Impressões de João Bitencourt: *“Tudo isso assiná-la bem as inesquecíveis tropeadas, os pastoreios, as sesteadas, uma pousada numa noite de pirilampos sob o canto triste das rãs. Momentos que se imortalizaram e que ficaram indelevelmente marcados nas travessias perigosas dos rios cheios, nos campos e nas matas, resumindo, as asperezas do tempo. O frio e o vento minuano, as recordações das noites mal dormidas no sertão, sob uma barraca, ressonando ao som da bulha e de um sincerro e o latido monótono de um cão que vigia seu dono, procurando assim afugentar os graxains que insistiam em apoderar-se de algum resto de comida ou um pedaço de guasca”*(BITTENCOURT, p75)



fonte:Werner Zotz

A foto e o mapa foram tirados do livro *Aventura no caminho dos Tropeiros - a cavalo, da lagoa dos Patos a Sorocaba*, de Jakzam Kaiser. O livro, lançado pela editora Letras Brasileiras, mostra os relatos da expedição que refez, em 2006, o caminho dos tropeiros a cavalo. As fotos são da autoria de Werner Zotz.



fonte:KAISER, Jakzam. Aventura no caminho dos Tropeiros.

### 3. Serra do Rio do Rastro

A Serra do Rio do Rastro é considerada um dos trechos mais belos da borda da Serra Geral, é constituída principalmente por rochas vulcânicas de natureza basáltica. A estrada da Serra do Rio do Rastro foi aberta nos anos de 1902 a 1906, durante o governo de Vidal José de Oliveira Ramos.

*“Esta estrada que apesar de ter apenas dois metros de largura na época, no trecho referente a Serra, trouxe grandes melhoramentos para as duas importantes regiões, em razão da grande quantidade de tropas e muares e gado que desciam e subiam diariamente o trecho íngreme de seis quilômetros.”* (BITTENCOURT, p113)



Serra do Rio do Rastro, 1945. fonte:Varlei Mariot



Serra do Rio do Rastro, 1955. fonte:Varlei Mariot

*“São 15 km de estradas concretadas, encravadas em rocha natural, contornando um "Canion" profundo de 1.460 metros em relação ao nível do mar.*

*Com sua pavimentação, passou a ser considerada uma das estradas mais bonitas do Brasil, pois o seu percurso propicia a visão de paisagens inesquecíveis. Em alguns trechos, a rodovia (SC 438) avança 670 metros de*

Já em 1954, durante o governo de Irineu Bornhausen, a SC-438 foi completamente pavimentada, tendo na época recebido o nome de Rodovia Irineu Bornhausen.

*“Os viajantes ou transeuntes continuaram chamando o nome de sua tradição: Serra do Rio do Rastro. Esta foi a Segunda mais importante obra do século XX em Santa Catarina, pois a primeira foi a ponte Hercílio Luz. Transformada em rodovia ligando de uma vez por todas as duas grandes importantes regiões de Santa Catarina, Litoral Sul e Planalto Serrano, antiga e justa aspiração da gente serrana.”* (BITTENCOURT, p115)

*altura em apenas 8 km. A Serra do Rio do Rastro é patrimônio do município de Lauro Muller e está localizada a 8 km do centro urbano.*

*Na divisa com o município de Bom Jardim da Serra, no alto da serra, há um mirante onde, em dias de sol, se vislumbram até as águas do Oceano Atlântico.*

*A Serra do Rio do Rastro é um dos mais belos marcos geológicos do planeta, com vegetação exuberante e abundância de cachoeiras, além da vista panorâmica única, a subida da serra permite ao espectador vislumbrar a história geológica da Terra.* “(www.radarsul.com.br, 02.07.07, 1:43h)



fonte:Varlei Mariot



fonte:Varlei Mariot



fonte:Varlei Mariot



fonte:Varlei Mariot

Em 2002 a rodovia passou a ser totalmente iluminada, o que garantiu a visibilidade necessária, mesmo em noite de nevoeiro e serração muito baixa, trazendo segurança aos usuários. O abastecimento elétrico da rede de iluminação pública é garantido por um cata - vento, com três hélices gigantes e 50 metros de altura, parte da estação experimental de energia eólica mantida pelo Governo de Santa Catarina. Buscou-se reduzir o impacto visual, sendo instalado o sistema elétrico através de redes subterrâneas, garantindo segurança e neutralidade na vida dos animais silvestres que habitam os cânions da serra.

Graças à regularidade e intensidade dos ventos, Bom Jardim da Serra foi selecionado como um dos três municípios catarinenses com potencial de exploração da energia eólica, ao lado de Laguna e Água Doce.



Iluminação da Serra.

fonte:www.skyscrapercity.com



Iluminação da Serra.



Cata-vendo da estação de energia eólica.

**A** Serra Catarinense foi indicada pela revista Veja, na edição especial sobre turismo de janeiro de 2007, como o mais novo destino de montanha do Brasil. Atraídos pelo clima serrano cada vez mais turistas escolhem o Planalto Catarinense para conhecer.

Segundo a divulgação da Santur, os grandes atrativos consistem, além das belas paisagens, nos novos saltos de infra-estrutura turística que estão se desenvolvendo, além das particularidades da cultura gaúcha, gastronomia e o ecoturismo:

*“Acolhidos em hotéis-fazenda ou em aconchegantes pousadas rurais, os turistas que chegam à Serra Catarinense podem combinar o prazer da rusticidade com o deleite da gastronomia farta, rica e nutritiva. É o momento de deixar de lado as dietas massacrantes para degustar pratos do cotidiano serrano, que vão do churrasco de ovelha até as receitas preparadas a base do pinhão. Isso sem contar com o arroz-de-carreteiro à moda tropeira, a feijoada dos peões, as massas italianas e o delicioso quentão de vinho para aquecer do frio.*

*Quem chega pelo Litoral pode alcançar os altos da serra passando por um dos lugares mais impressionantes de Santa Catarina: a Serra do Rio do Rastro. Incrustada no seio da Serra Geral, entre os municípios de Lauro Müller e Bom Jardim da Serra, é possível vencer a íngreme subida por caminhos sinuosos e contemplar, do mirante a 1460 metros de altitude, a grandiosa paisagem que se descortina do topo das montanhas. Nos dias de céu claro e tempo bom, dá até para avistar o Atlântico fundindo suas cores com o azul do horizonte. À noite o espetáculo fica por conta da iluminação especial que faz lembrar um rastro de lavas incandescentes descendo de um vulcão.*

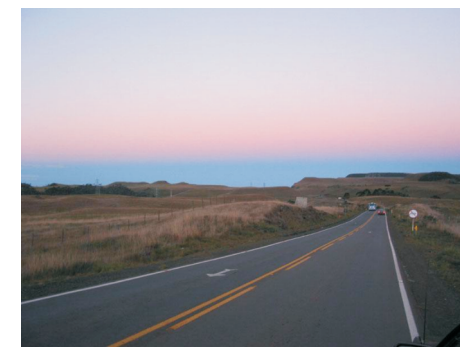
(...)

*Pinheiros, pinha, pinhão, lareira acesa, cavalgadas, trilhas ecológicas, cânions, pescaria de trutas, cascatas, macieiras carregadas, chimarrão, muros de taipas (pedras) e fazendas seculares plantadas em meio a campos de perder de vista.*

*Velhos tropeiros envoltos em ponchos contando “causos” à beira do fogo de chão, rodeios crioulos, lendas de assombração e de tesouros enterrados. Tudo isso fascina e atrai cada vez mais os turistas para esse cenário único que é a Serra Catarinense.” (www.sol.sc.gov.br/santur, 02/07/07)*



Lages



Bom Jardim da Serra



Neve em São Joaquim.



Pedra Furada, Urubici.



Maçã



Tradição Gaúcha.

fonte: [www.brazilonboard.com](http://www.brazilonboard.com)

Entretanto, há ainda muito a ser feito. Com a divulgação deste novo roteiro a demanda turística tende a aumentar e melhorias serão necessárias para poder bem receber os novos visitantes. Desde a infra-estrutura básica, como a questão dos acessos (rodovias, aeroportos, terminais rodoviários), até postos de informação, capacitação de profissionais para atuarem no ramo hoteleiro e de serviços, segurança e estruturação dos pontos turísticos, são necessários para dar o suporte necessário.

## PERCURSO DA SERRA DO RIO DO RASTRO

(fonte: fotos do arquivo pessoal)

LAURO MULLER



Serra do Mar ao fundo



Chegada a Lauro Muller



Centro de Lauro Muller



Início da Serra



Hotel



Curvas e paisagens



Bar e Restaurante



Bar e Venda de Artesanato



Contemplação



Acostamento



Venda de Produtos Serranos



Pinhão



Chegada ao topo da serra  
BOM JARDIM DA SERRA

## 6.1 O Mirante da Serra do Rio do Rastro

O projeto a ser desenvolvido neste trabalho de conclusão escolheu o mirante da Serra do Rio do Rastro como local de intervenção. O local atualmente possui uma ampla área de estacionamento e foi recentemente equipado com sanitários públicos. O mirante ali construído resume-se a uma mureta de taipa e concreto que estende-se por alguns metros pelas bordas do planalto. Algumas casas de madeira, muito simples, sem nenhum refinamento arquitetônico, vendem lembranças locais e produtos da região: maça, pinhão, queijos, salames, etc. Há também um posto policial, mas nenhum ponto de informações turísticas.

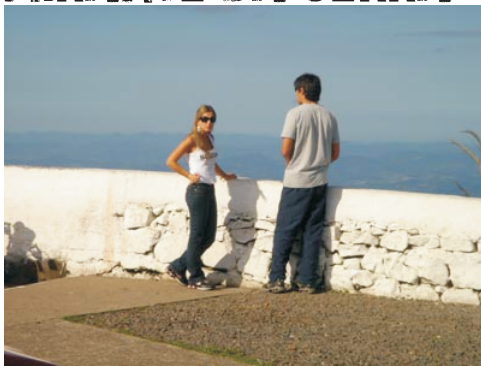


Monumento



Bordas da Serra do Mar

## MIRANTE DA SERRA



Mirador



Mirador



Venda de Produtos Serranos



Mirador



Estacionamento



Super Paisagem

(fonte: fotos do arquivo pessoal)

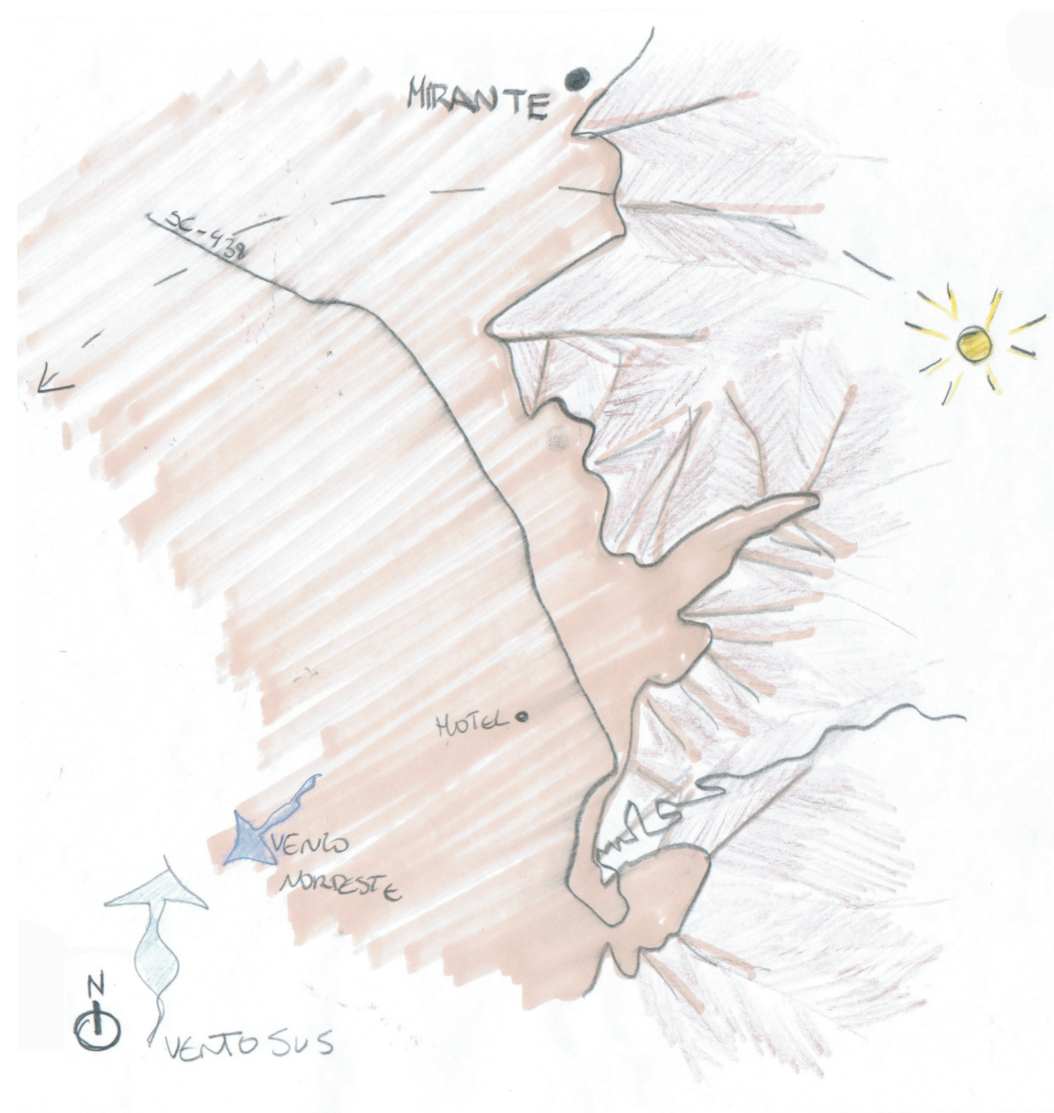
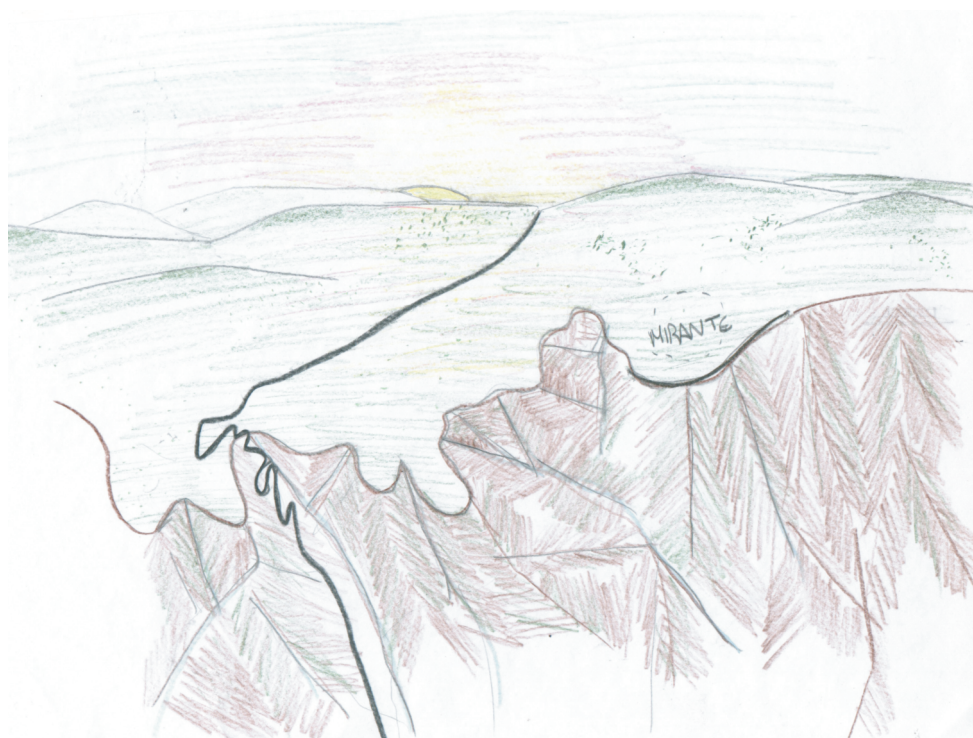


O projeto a ser desenvolvido no TCC-2, que escolheu o Mirante da Serra do Rio do rastro como ponto de intervenção, abrangerá o seguinte programa:

Um espaço destinado a recepção do turista, que chega à Serra Catarinense por Bom Jardim da Serra, contendo Posto de Informação ao Turista, Lojas para venda de artesanatos e demais produtos serranos, Área de Degustação da gastronomia regional, além de bares e restaurantes de apoio, Espaço de Exposição Temporária, Mostra Permanente sobre a História e Cultura da Serra Catarinense e teatro para até 200 pessoas, além das áreas de apoio e serviço.

Um Parque de Observação que consiste na ampliação do mirante existente, criando mais áreas de contemplação, que estendem-se ao longo da borda dos cânions.

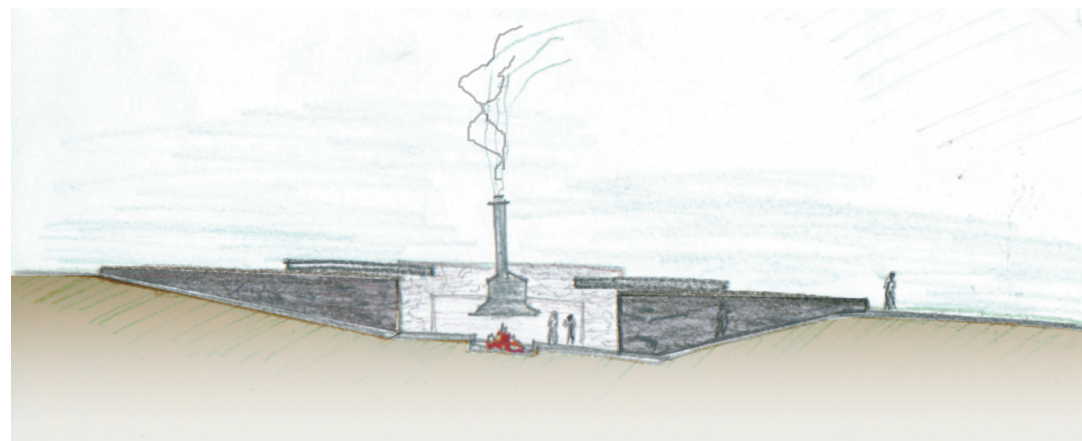
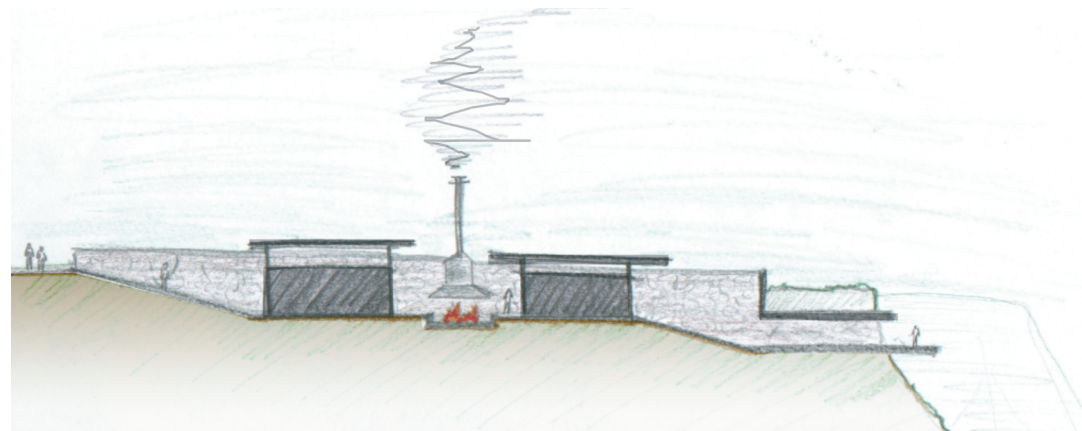
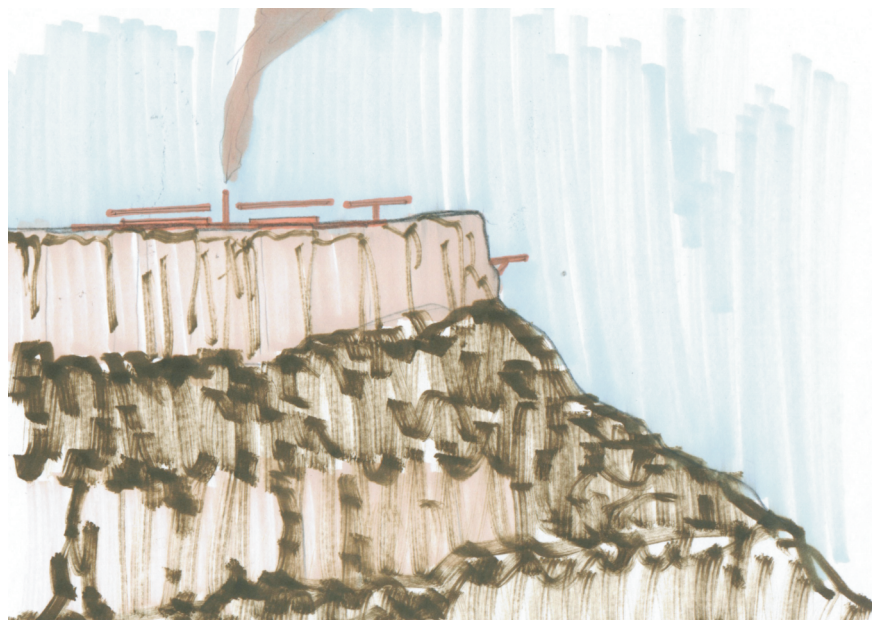
A área de estacionamento será mantida perto a rodovia para que todo passeio ao longo do parque possa ser percorrido a pé ou com transportes alternativos como bicicleta, cavalos e charretes.



O projeto arquitetônico será elaborado durante o TCC-2, mas através das pesquisas e estudos de referenciais arquitetônicos feitos o conceito do projeto começa a dar forma ao objeto a ser construído.

Por se tratar de um lugar muito particular, inserido numa paisagem de tamanha imponência e exuberância, administrar o conflito entre o construído e o natural torna-se o foco principal desta intervenção. Para a arquitetura, competir com uma super paisagem é quase impossível e ao arriscar esta pretensão corre-se o risco de gerar uma arquitetura pobre e impertinente. A intenção do projeto não é afirmar-se como arquitetura monumental, deixando para a própria natureza este posto. O objetivo é, através da arquitetura, conduzir o observador a descobrir a paisagem, hora escondendo-a, hora revelando-a.

O estudo feito sobre a arquitetura regional apontou uma maneira de construir simplificada, pouco industrializada e dominada pelos pequenos construtores e a autoconstrução. A busca por elementos que identificassem esta cultura apontou 3 imagens características na serra: o uso da madeira (abundante na região), os muros seculares de taipa (pedra basáltica) e as chaminés sempre



em atividade das casas (o fogão a lenha sempre aceso, que serve para o preparo de comidas e para aquecer o interior das residências).

A partir destes ícones, a arquitetura desprende-se do uso simplificados das técnicas construtivas da região, partindo para um partido novo: arquitetura no negativo. A idéia de levar a arquitetura para um plano semi-enterrado nasce do conceito de mascarar a arquitetura para destacar a paisagem, fazendo da interpretação ou reinvenção da topografia o fator gerador do projeto.

Os muros de taipa, que estendem-se pelos antigos caminhos dos tropeiros, o sinal de fumaça avistado ao longe e uma arquitetura que penetra o solo confundindo-se com a paisagem natural serão os fios condutores deste projeto.

# DOMINIQUE PERRAULT

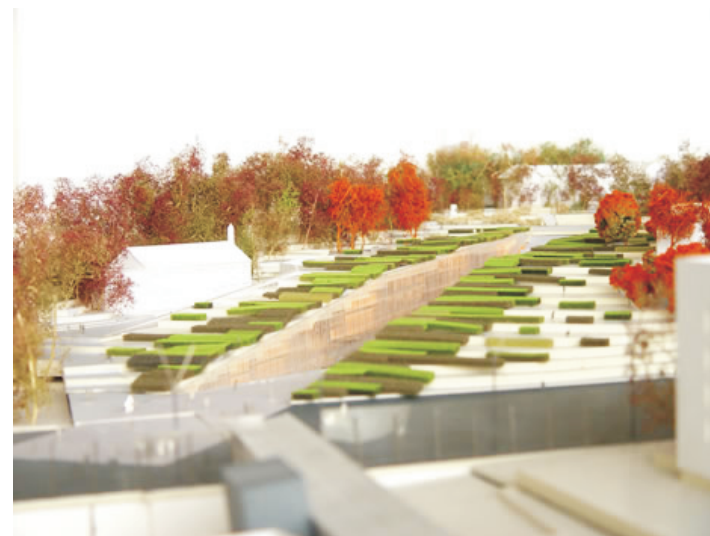
O projeto da Universidade Feminina de Ewha, na Coréia, do arquiteto francês Dominique Perrault, foi escolhido como referencial neste trabalho por apresentar numa mesma obra lições de uso da tecnologia avançada e a delicadeza com que a construção se insere na paisagem.

O arquiteto fez uso da topografia para gerar a arquitetura, ou melhor, usou a arquitetura como geradora da topografia, numa seqüência de coberturas jardins que formam platôs verdes em diferentes níveis. O edifício cravado na terra é interceptado por um grande vão de circulação, formando uma praça ao ar livre, o que possibilita a entrada de luz natural dentro do prédio. O uso do nível negativo possibilitou a criação de um grande vazio na malha urbana, uma área de respiro que do alto confunde-se com uma grande área verde.

Ewha Universidade Feminina, 2004. Coréia.



*"The campus center to be constructed is designed to offer a new sense of direction for higher education in the 21st century. It will establish organic relations between the center and surrounding areas of campus as well as between above ground and underground spaces; and will serve to redefine access to the campus from the main road Jung Mun." (www.e-architect.co.uk/korea/ewha\_womans\_university.htm)*



fonte: [www.e-architect.co.uk/korea/ewha\\_womans\\_university.htm](http://www.e-architect.co.uk/korea/ewha_womans_university.htm)

# EMILIO AMBASZ

A obra do arquiteto argentino Emilio Ambasz, que mora nos EUA, foi escolhida como referência para o desenvolvimento do projeto de conclusão de curso por representar uma arquitetura que busca dialogar com a paisagem. Foram escolhidas algumas imagens de suas obras para compor este mosaico, entretanto, a intenção não é analisá-las detalhadamente, mas mostrar a uniformidade de conceitos adotados pelo arquiteto.

Ambasz construiu uma identidade muito particular em suas obras buscando a integração da arquitetura com a paisagem. Estando inserida em centros urbanos ou áreas livres seus projetos aparecem dissimulados na natureza. Suas obras em campos abertos, como mostram as imagens presentes, apropriam-se da topografia, interpretando-a ou reinventando-a. Suas edificações “negativadas” rompem o solo em alguns pontos revelando a obra arquitetônica numa exibição contida da relação entre o objeto construído e o ambiente natural. Aparentemente sutil, sua obra requer uma grande intervenção no sítio, a busca por baixo impacto na paisagem aos olhos dos observadores se contrapõe ao fato de o sítio não manter-se intocado.



Casa de Retiro espiritual, 1975.  
Sevilla -Espanha.



Schlumberger Research Laboratories.  
Austin-Texas. USA.



Jardins Termais, 1996. Sirmione,  
Itália.



House for Leo Castelli,  
1980. East Hampton, USA.

*“Muitos de meus trabalhos enfatizam as preocupações clássicas da arquitetura, como a presença da luz, o som das águas, o agenciamento das perspectivas e o uso humanizado do espaço para gerar sentimentos de segurança e esperança. Não sou contrário aos esforços para mantermos um “continuum” com a história, nem sou contra a procura da ornamentação. Eu acredito na invenção do ornamento quando ele provém do uso de materiais naturais, quando ele é intrínseco a estrutura do que está sendo construído. Eu o valorizo como continuidade de um processo de inovação, não de recuperação.”*  
Emilio Ambasz - entrevista no blog: [www.palladioarquiteto.blogspot.com](http://www.palladioarquiteto.blogspot.com))

# RENZO PIANO

A obra deste centro cultural na Nova Celedonia é um grande exemplo da presença da arte na concepção do projeto arquitetônico. Buscando traduzir o caráter da cultura Kanak, Piano apropriou-se da linguagem arquitetônica popular para construir uma obra poética em meio a natureza exuberante do local.

*"In all of the projects he has designed, Renzo Piano has expressed his personal architectural vision, and striven to reconcile his own aesthetic priorities (importance of insubstantial elements such as light, air, transparency, natural forms) and the human values of the communities in which his creations are set.*

*The architecture of the Tjibaou cultural centre is the result of a close collaboration between architect Renzo Piano and the A.D.C.K., resulting in a sublimation of traditional Kanak architectural forms into a resolutely modern idiom.*

*This resulted in a series of stylised "Great Houses", inspired by traditional Kanak house forms, of different height and surface treatment, given a deliberate "unfinished" aspect as a reminder that Kanak culture is still in the process of becoming" (www.adck.nc)*

Jean-Marie Tjibaou Cultural Center, 1992-98. Nouméa, Nova Caledônia.



fonte:www.vitruvius.com.br



fonte:www.vitruvius.com.br



fonte: www.vitruvius.com.br



fonte:www.vitruvius.com.br



fonte: www.adck.nc

# GRAND CANYON NACIONAL PARK

O Grand Canyon é um acidente geográfico localizado nos Estados Unidos que o rio Colorado moldou durante milhares de anos à medida que suas águas percorriam o leito, aprofundando-o ao longo de 446 km. Chega a medir entre 6 e 29 km de largura e atinge profundidades de 1600 metros.

O Grand Canyon Nacional Park oferece aos visitantes dezenas de atividades de lazer além da contemplação da paisagem exuberante que possui, entre elas: rafting e canoagem no rio Colorado, escalada, treading, pescaria, áreas para camping e toda infra-estrutura para receber os turistas que vêm de todas as partes do mundo.



fonte: [www.nps.gov](http://www.nps.gov)



Em 2006 foi inaugurada a **Grand Canyon Skywalk**. A estrutura, que lembra uma ferradura, avança 21 metros a partir da beira do cânion e oferece a vista da paisagem a 1.219 metros de altura sob um piso de vidro. Foram necessárias mais de 400 toneladas de aço para a construção.

Segundo os empreendedores, ela permite que o visitante "ande pelo caminho da águia". À esquerda, pode-se ver o rio Colorado e à direita, uma parede do cânion que faz lembrar as asas estendidas de uma ave, chamada de Eagle Point. Os projetistas utilizaram um material que absorve impacto para diminuir a vibração. A passarela, chamada de skywalk, é capaz de suportar ventos de até 160 km/h. O skywalk fica na área de Grand Canyon West, a 195 km de Las Vegas, dentro da reserva dos índios Hualapai.

O local também possui um centro de visitantes de três andares, com museu, cinema, área VIP e loja de souvenirs, além de área para casamentos e restaurantes. Um deles, mais sofisticado, terá uma área externa e lugares à beira do cânion.



# PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU, CATARATAS - FOZ DO IGUAÇU -PR.

Em 1939 o Presidente Getúlio Vargas cria o Parque Nacional do Iguaçu. Em 1986 é tombado pela UNESCO como Patrimônio Mundial Natural da Humanidade, constituindo-se numa das maiores reservas florestais da América do Sul. Localiza-se extremo-Oeste do Paraná, a 17 km do centro da cidade de Foz do Iguaçu. Faz fronteira com a república Argentina, onde está implantado o Parque Nacional Iguazu, criado em 1934. O limite entre os dois países e seus parques nacionais é formado pelo rio Iguaçu, que nasce próximo a Serra do Mar, em Curitiba. A foz do rio ocorre 18km depois das Cataratas, onde ele deságua no rio Paraná. Esse encontro de rios forma uma tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai.

O Parque recebe turista de várias partes do globo e está estruturado para recebe-os com todo conforto. Recentemente passou por grandes reformas, sendo umas das mais significativas a proibição da entrada de automóveis não autorizados no Parque. Uma frota própria de ônibus e vans fazem o percurso entre o estacionamento e a área de recepção ao visitantes as demais áreas do parque.

Além de contemplar as cataratas, diversas outras atrações estão a disposição dos visitantes: trilhas, rafting, canoagem, arvorismo, trilhas de bicicleta, além de serviços de bar, restaurante e lojas. O complexo possui também um hotel de luxo.





O Parque recebe turista de várias partes do globo e está estruturado para recebe-os com todo conforto. Recentemente passou por grandes reformas, sendo umas das mais significativas a proibição da entrada de automóveis não autorizados no Parque. Uma frota própria de ônibus e vans fazem o percurso entre o estacionamento e a área de recepção ao visitantes as demais áreas do parque.

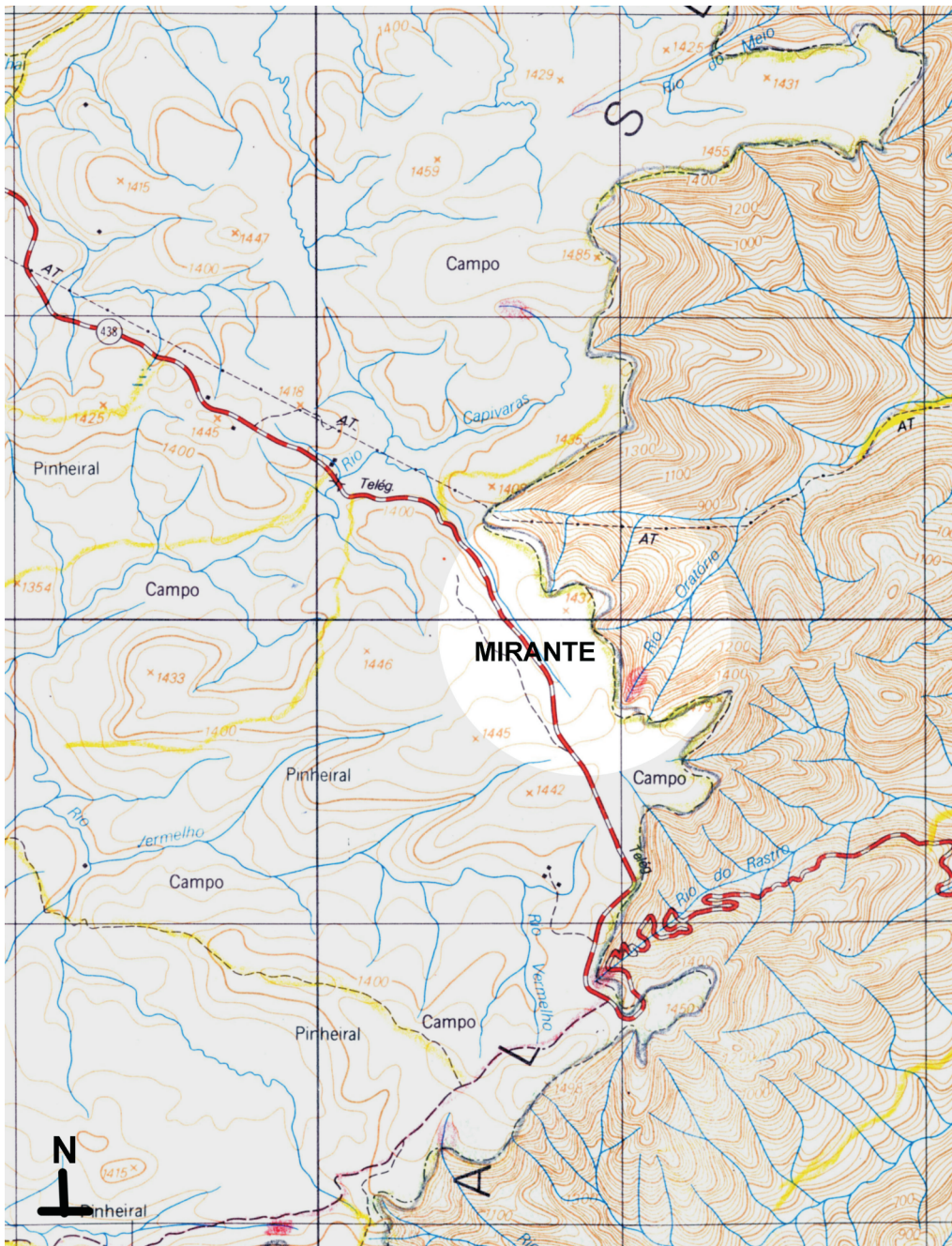
Além de contemplar as cataratas, diversas outras atrações estão a disposição dos visitantes: trilhas, rafting, canoagem, arvorismo, trilhas de bicicleta, além de serviços de bar, restaurante e lojas.

Este projeto é usado como referência por ser uma intervenção sutil, que penetra na paisagem levando o observador a vivenciar plenamente a experiência de contato com a natureza. Tanto nas áreas de mirantes que entram dentro do rio, quanto o elevador que leva a um plano mais alto de onde é possível apreciar de diferentes ângulos o monumento natural que se quer enquadrar, as atividades desportivas promovem uma plena integração com a natureza.

A arquitetura não procura um mimetismo, porém esconde-se em meio à floresta aparecendo em poucos pontos. As edificações de maior porte utilizam a madeira e a alvenaria com reboco rústico como principais materiais. As coberturas são de telhas cerâmica e soltam-se da edificação permitindo a ventilação do local, respondendo às necessidades impostas pelo clima da região.

O parque criou uma identidade visual própria que está impressa no mobiliário urbano, nos artesanatos e lembranças e mesmo na pintura dos ônibus. Toda comunicação visual apresenta elementos da natureza do parque, seja no uso da madeira ou nas logomarcas utilizando a fauna e flora local como tema.





Livros:

BITTENCOURT, João Corrêa de. Epopéia na Serra. Imprensa Universitária. Florianópolis, 1989.

KAIZER, Jakzam. Aventura no caminho dos Tropeiros. Ed. Letras Brasileiras Coleção Expedições. Florianópolis, 2006.

BASTOS, João Pedro de Assunção. LEÃO, Antônio Rubilar Ferreira. Serra Catarinense, vidas e formas. Ed. Lagoa. Florianópolis, 2005.

WINES, James. Green Architecture. Ed. Taschen. Milão, 2000.

IRACE, Fulvio. Emilio Ambasz – A technological Arcadia. Editora Skira. Itália, 2004.

Sites:

[www.cprm.gov.br](http://www.cprm.gov.br) (17/04/07, 21h00min)

[www.radarsul.com.br](http://www.radarsul.com.br) (17/04/07, 21h17min)

[www.lauromullr.gov.br](http://www.lauromullr.gov.br) (21/04/07, 20h00min)

[www.cprm.gov.br](http://www.cprm.gov.br) (21/04/07, 20h10min)

[www.mapainterativo.ciasc.gov.br](http://www.mapainterativo.ciasc.gov.br) (21/04/07, 20h55min)

[http://ciram.epagri.rct-sc.br/cms/geo/mapas\\_digitais.jsp](http://ciram.epagri.rct-sc.br/cms/geo/mapas_digitais.jsp) (03/07/07, 18h10min)

[www.ana.gov.br](http://www.ana.gov.br) (02/07/07, 13h55min)

[www.sol.sc.gov.br/santur](http://www.sol.sc.gov.br/santur) (02/07/07, 14h15min)

[www.bomjardimdaserra.sc.gov.br](http://www.bomjardimdaserra.sc.gov.br) (14/07/07, 16h40min)

[www.cataratasdoiguacu.com.br](http://www.cataratasdoiguacu.com.br) (16.07.07, 17h29min)

<http://www.nps.gov> (16.07.07, 19h02min)

[www.mdc.arq.br](http://www.mdc.arq.br) (17.07.07, 02h36min)

[www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)